



LIVRO 3

*A química com Caim é perfeita...
mas como resistir a Abel, que parece
muito mais interessado?*

SYLVIA DAY

MARCA DO

CAOS





SYLVIA DAY

MARCA DO

CAOS



Tradução
CARLOS SZLAK

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © 2009, BY SYLVIA DAY
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **GABRIELA DE AVILA E LIGIA AZEVEDO**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa © **GERGELY ZSOLNAI | SHUTTERSTOCK,**
© **MR.BIG-PHOTOGRAPHY | ISTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

— Marca do caos / Sylvia Day ; tradução Carlos Szlak.
— Barueri, SP : Faro Editorial, 2016. — (Série marked)

Título original: Eve of chaos
ISBN 978-85-62409-81-3

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

16-07047

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2016
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br



*Para todos que seguiram as aventuras
de Eva até aqui, muito obrigada.*



A Faren Bachelis, preparadora de originais da Tor, pela atenção dispensada aos meus livros e por todos os amáveis elogios espalhados pelas margens.

A Gary Tabke, por preparar o delicioso sanduíche com ovo que Eva adora.

A todos da Tor que fizeram um esforço especial em favor desta série. Vocês são o máximo! Adoro todos vocês.

A Kate Duffy, que se superou, como sempre. Obrigada pela paciência e pelo apoio.

E a Patricia Briggs, por sua generosidade e suas palavras amáveis. Não há nada melhor no mundo do que receber elogios de uma autora cujo trabalho faz você acampar na frente de uma livraria para ser a primeira a comprá-lo.



*Deus estenderá sobre Edom o caos como linha
de medir, e a desolação como fio de prumo.*

– Isaías 34:11



COM OS DENTES CERRADOS, EVANGELINE HOLLIS VIU UM demônio Kappa, com um sorriso, servir um prato de *yakisoba* — macarrão frito com carne e verduras — para sua mãe. Eva supôs que a proporção entre mortais e demônios no Festival Obon anual do templo budista do condado de Orange fosse de meio a meio.

Após três meses convivendo com a Marca de Caim e seu novo “emprego” como caçadora a serviço dos Celestiais, Eva resignou-se à realidade dos Demoníacos misturando-se despercebidos entre os mortais. No entanto, ainda a surpreendia a quantidade de demônios japoneses que viera para tocar no festival. Parecia haver um número exagerado deles ali.

— Você quer? — Miyoko ofereceu o *yakisoba*. A mãe de Eva, que estava nos Estados Unidos havia mais de trinta anos, conhecia bem o estilo de vida americano. Ela era cidadã naturalizada, batista convertida, e seu marido, Darrel Hollis, era um bom sujeito do Alabama. No entanto, Miyoko prezava suas tradições e se esforçava para compartilhar a cultura japonesa com suas duas filhas.

— Quero *yaki dango* — Eva respondeu.

— Eu também. Está ali. — Miyoko saiu andando, mostrando o caminho.

O festival se realizava no estacionamento do templo. À direita, havia um grande ginásio de esportes. À esquerda, o templo e uma escola. A área era pequena, mas ainda assim conseguia conter diversas barracas de comidas e jogos. Um tambor *taiko* se achava elevado numa torre *yagura*, com vista para o espaço que mais tarde exibiria os bailarinos do Bon Odori. As crianças competiam para ganhar prêmios, que iam de peixes dourados vivos a bichos de pelúcia. Os adultos procuravam estandes de bugigangas e sobremesas caseiras.

O clima do sul da Califórnia estava perfeito, como sempre. Uma temperatura agradável de vinte e cinco graus centígrados, com muito sol e poucas nuvens. Ajustando os óculos escuros, Eva saboreou o beijo do sol em sua pele e o aroma de suas comidas favoritas.

Então, um fedor asqueroso, trazido pela brisa da tarde, atingiu suas narinas e arruinou seu raro momento de paz.

O cheiro fétido de alma em putrefação era inconfundível. Era uma mistura entre carne em decomposição e cocô fresco. Eva se espantou com o fato de os Não Marcados — os mortais desprovidos da Marca de Caim — não conseguirem sentir aquele odor. Ela virou a cabeça, procurando a origem do cheiro.

Seu olhar inquisitivo se deteve numa adorável asiática no corredor paralelo àquele em que estava. Uma Yuki-onna — demônio das neves japonês. Eva notou o quimono branco dos Demoníacos, incluindo uma delicada *sakura* bordada, e o detalhe em seu rosto, que se assemelhava a uma tatuagem tribal. Na realidade, o desenho correspondia à posição hierárquica da Yuki-onna e era invisível aos mortais. Assim como a Marca de Caim no braço de Eva, era similar à insígnia militar dos mortais. Todos os Demoníacos as tinham. As tatuagens revelavam tanto a espécie de amaldiçoados que eram como as posições que ocupavam na hierarquia do Inferno.

Ao contrário do que a maioria dos teólogos acreditava, a Marca da Besta não era algo a ser temido como o início do Apocalipse; era um sistema de castas que vigorava havia séculos.

A marca de Eva começou a latejar e, depois, a queimar. Um chamado às armas.

“E agora?”, ela perguntou para si mesma, exasperada. Eva era uma Marcada — uma entre os milhares de “pecadores” ao redor do mundo que foram recrutados para o serviço de exterminar demônios em nome de Deus. Ela devia matar num piscar de olhos, mas sua mãe estava a seu lado, num local de prática religiosa.

— *Sinto muito, meu bem* — Reed Abel comunicou-se telepaticamente. — *Você está no lugar errado, na hora certa. O número dela na fila é o próximo, e você é a que está mais à mão.*

— *Você não virou o disco a semana inteira* — Eva replicou. — *Nem acredito mais.*

Nos últimos dias, Eva eliminara um demônio por dia; às vezes, dois. Uma garota precisava mais do que só domingos de folga quando seu trabalho era matar demônios.

— *Por que sou sempre a mais próxima?*

— *Será porque você só atrai desgraça?*

— *E você é uma piada.*

Reed — vulgo Abel, de fama bíblica — era um *mal'akh*, um anjo. Ele era um treinador, ou seja, o responsável pela atribuição das caçadas a um pequeno grupo de Marcados. Seu trabalho era como uma missão de rastreamento. Os sete arcanjos terrestres atuavam como fiadores. Reed era um despachante. Eva, uma caçadora. Era um sistema bem azeitado para a maioria dos Marcados, mas afirmar que Eva era uma roda lubrificada seria um eufemismo..

— *Jantar hoje à noite?* — ele perguntou.

— *Depois daquela piadinha, seu canalha arrogante?*

— *Eu cozinho.*

Eva seguiu Miyoko, mantendo-se de olho em sua caça.

— *Se eu ainda estiver viva, tudo bem.*

No fundo de sua mente, Eva escutou e sentiu Alec Caim — irmão de Reed — resmungar sua desaprovação. Alec era seu mentor. Outrora conhecido como Caim da Infâmia, ele agora era conhecido como Caim, o Arcanjo. Eva e Alec tiveram uma história em comum, que começara dez anos antes, quando ela lhe entregou sua virgindade. Atualmente, a posição de Alec como arcanjo o despojara da capacidade de desenvolver

ligação emocional com quem quer que fosse, exceto Deus. Apesar disso, Alec era louco por Eva.

— *O que é mais importante, Eva?* — Caim indagou. — *Alguém querer você porque não é capaz de resistir, por causa dos hormônios ou de alguma reação química no cérebro? Ou porque a escolhe, porque toma a decisão consciente de querê-la?*

Eva não sabia. Por isso, andava à deriva, tentando descobrir.

Considerava-se maluca por se intrometer no caso mais antigo de rivalidade entre irmãos da história, principalmente porque os três compartilhavam um único vínculo, permitindo o fluxo livre de pensamento entre eles. Muitas vezes, Eva se perguntava por que brincava com fogo. A única resposta era que ela simplesmente não conseguia evitar.

— *O café da manhã de amanhã é comigo. Tenho prioridade* — Alec insistiu, ríspido.

— *Vai ter sanduíche com ovo?*

Ninguém os preparava como Alec. Uma fatia de pão de forma torrado, com um furo no meio capaz de conter um ovo frito, amanteigado e crocante, coberto com melão e polvilhado com canela e açúcar. Delicioso.

— *O que você quisier, anjo.*

Era óbvio que Reed não estaria presente no café da manhã, uma vez que namorar dois homens ao mesmo tempo significava que todos os três passavam as noites sozinhos.

A Yuki-onna dispensou seu companheiro bonitão e se dirigiu ao ginásio de esportes, dando os passos minúsculos impostos pelo corte justo do quimono e pelos *geta*, os tamancos de madeira. Eva levava vantagem com seu traje. Sua calça capri de malha e a regata de algodão canelado não impediam seus movimentos. Seus coturnos eram funcionais. Ela estava pronta para a luta. Mas isso não significava que a quisesse.

— *Preciso lavar as mãos* — Eva disse à mãe, sabendo que, como enfermeira aposentada, Miyoko apreciava a higiene e o asseio pessoal.

— *Tenho álcool em gel na bolsa.*

Eva torceu o nariz.

— *Eca! Essa coisa deixa as mãos grudando.*

— *Você é muito exigente. Quantos *dangos* você quer?*

— *Três.*

Os *dangos*, bolinhos de farinha de arroz, grelhados em espetinhos de madeira e cobertos com melaço, eram um dos doces favoritos da infância de Eva, que tinha poucas oportunidades de saboreá-lo. E isso agravava seu descontentamento: se aquele demônio estragasse seu apetite, as consequências seriam bem desagradáveis. Sem brincadeira.

Eva entregou à mãe uma nota de vinte dólares e, em seguida, começou a perseguir sua presa.

Ela alcançou a Yuki-onna e entrou no ginásio de esportes, onde mesas de piquenique estavam montadas para acomodar os participantes. Dezenas de pessoas ocupavam o grande espaço, numa celebração calorosa: rindo, conversando em inglês e japonês, e comendo. Os mortais, em bem-aventurada ignorância, se misturavam aos Demoníacos, mas Eva notou cada um dos habitantes do Inferno. Por sua vez, eles sabiam quem ela era e a observavam com ódio temeroso. A marca em seu braço a denunciava, assim como seu cheiro. Para Eva, o odor deles era de coisa podre; para eles, Eva possuía um enjoativo aroma doce. O que era ridículo, pois nenhum Marcado era doce. Todos eram amargos.

Encostada na parede, Eva observou através das portas de vidro fosco a aproximação da Yuki-onna. De seu posto privilegiado, ela era capaz de ver os pés do demônio. Recuando devagar, Eva contornou a quina da parede, para se colocar fora do alcance da visão. Uma vitrine de vidro estava montada junto à parede, na altura do seu ombro, exibindo troféus e uma *katana* solitária em seu interior iluminado.

Eva deu uma olhada rápida ao redor — todos os presentes no ginásio estavam distraídos. Com velocidade e força sobre-humanas, ela rompeu a fechadura metálica com o polegar e o indicador e retirou a espada colocada na bainha. Segurou-a enfiada entre sua coxa e a parede, esperando que a arma fosse mais do que um adorno. Caso contrário, poderia sempre evocar a clássica espada flamejante. Mas Eva preferia que isso não acontecesse. Os prédios tinham o hábito desagradável de pegar fogo ao seu redor, e Eva tinha mais perícia com a espada do samurai, de um único gume e ligeiramente curvada, do que com o gládio, de dois gumes, mais curto e mais pesado.

Sua presa entrou no ginásio de esportes e pegou a direção oposta, dirigindo-se aos banheiros, exatamente como Eva supusera que faria. Trancar

a porta do banheiro feminino enquanto há comida e bebida em quantidades abundantes sempre é uma má ideia, mas Eva não tinha escolha. Sua mãe a esperava, e ela não podia se arriscar a perder seu alvo.

Seu dilema presente era um dos muitos motivos pelos quais os Marcados não deviam ter laços familiares. Em geral, os pecadores escolhidos eram lobos solitários, facilmente transferidos para países estrangeiros. Os parentes eram um empecilho. Eva era a única exceção à regra. Alec lutara para mantê-la perto da família porque sabia o quanto os pais eram importantes para ela. Ele também foi motivado pela culpa, pois a indiscrição dos dois, dez anos antes, foi o motivo pelo qual Eva fora marcada.

As engrenagens da justiça não giram mais rápido no Céu do que na Terra.

Depois que a porta do banheiro se fechou atrás da Yuki-onna, Eva se colocou diante dela e sentiu a marca pulsar quente e intensa na pele do braço, bombeando agressividade e fúria através do sangue. Os músculos tensionaram e o ritmo das passadas se alterou. A reação corporal era básica e animal; o surto de sede de sangue, brutal e viciante. Eva passara a ansiar por aquilo como uma droga. Muito tempo entre caçadas e ela ficava irascível e inquieta.

Apesar da agitação, os batimentos cardíacos e as mãos permaneceram firmes. Naquele momento, seu corpo era um templo e funcionava como uma máquina. Ao entrar no banheiro, Eva estava calma e focada. Quando passara a se sentir tão à vontade com sua vida secundária de assassina? Mais tarde teria de refletir sobre isso, quando tivesse alguma privacidade e tempo para chorar.

Todas as portas das cabines estavam ligeiramente entreabertas, exceto a cabine para deficientes, no extremo do banheiro. O fedor da alma decadente dominava o espaço. Fixado na parede perto da porta havia um cano sobre o qual se achava um cavalete de sinalização dobrável em que se lia "Piso Úmido". Eva puxou o cavalete e o pôs do lado de fora do banheiro, no corredor. Em seguida, voltou a entrar no banheiro, fechou a porta e a trancou. O cavalete não era tão útil quanto um cone de "Fora de Serviço", mas teria de servir.

Não houve jeito de impedir o súbito dilúvio de lembranças de outro banheiro, em que ela enfrentara um dragão e pagara com sua vida. Eva

fora ressuscitada por causa de um acerto que Alec fizera com alguém, em algum lugar. Eva não conhecia os detalhes, mas sabia que o custo devia ter sido alto. Se ela não estivesse já apaixonada por ele, a disposição de Alec para fazer esse tipo de sacrifício teria sido o suficiente. Ela ainda não estava pronta para morrer, apesar de assassinar demônios e ter uma vida amorosa um tanto maluca.

Algum dia Eva esperava casar e ter filhos, desfrutar de uma carreira de sucesso e passar férias com a família. No entanto, primeiro teria de se livrar da marca, manipulando alguém que estivesse no poder ou reunindo indulgências suficientes para livrá-la de sua penitência.

Claro, havia brechas no sistema de indulgências. Eva matara o filho adolescente do lobisomem Alfa do Grupo Diamante Negro, *duas vezes*, mas só recebera o crédito pela segunda morte. Coisas assim a irritavam. O que uma garota podia fazer quando nem Deus jogava limpo?

Uma lamúria deteve o avanço de Eva. O som tinha uma nota aguda, trêmula, que soava infantil. Ela se aprumou e esperou. Uma caçada envolvia mais posicionamento do que ataque. Eva parou no centro exato, no espaço mais aberto do recinto. A porta estava às suas costas. A Demoníaca ficou sem saída, a não ser através dela. Eva não se moveria só para facilitar as coisas.

A marca de Eva continuava a inundá-la de adrenalina e hostilidade. Seus sentidos se concentraram na presa, irrigando sua mente com informações. Sua postura se expandiu.

— Saia, saia, onde quer que você esteja... — Eva sussurrou.

A fechadura da cabine para deficientes girou e a porta se abriu. Um rosto de criança surgiu, pálido e com lágrimas correndo. Uma bela menina de origem asiática, num vestido leve de verão, com um desenho de melancia na bainha. Tinha seis ou sete anos, talvez. Um instante depois, vibrando com o feito, o belo rosto da Yuki-onna apareceu acima da cabeça da menina.

— Fazer uma refém foi uma má ideia. — Quando Eva tivesse filhos, ela não os deixaria fora do alcance de sua visão.

— Vou sair daqui com a menina — a Demoníaca disse com sua voz ritmada e acentuada. Ela saiu da cabine com a mão no ombro da menina. — Depois, vou soltá-la.

Os dentes da garotinha começaram a bater, e sua boca assumiu um tom azulado. A pele estava arrepiada ao redor do ponto onde a Demoniaca a agarrava.

— Você vai morrer — Eva disse sem rodeios.

A Yuki-onna fora convertida em alvo. Os Marcados a caçariam até que ela fosse morta.

— Você também — a Yuki-onna replicou. — Quer mesmo passar seus últimos momentos me matando?

Há uma refém, Eva informou a Reed, ignorando a intimidação-padrão do demônio e negociando taticamente. *Uma menina. Preciso de você para tirá-la daqui.*

Uma brisa cálida passou pela pele de Eva, numa prova tangível de que seu treinador estava sempre com ela. Reed era proibido de socorrer os subordinados em suas caçadas, mas remover mortais do caminho se enquadrava em seu campo de ação.

— *No momento certo* — ele sussurrou.

Eva não tinha ideia de onde Reed estava no mundo, mas, como *mal'akh*, ele podia se deslocar — ou se teletransportar — de um lugar para outro mais rápido do que um piscar de olhos.

— Vou derrubar você jogando limpo — Eva disse ao demônio, empunhando a *katana* embainhada. — Eu devia saber que você curte lutar jogando sujo.

— Não tenho nenhuma arma.

Mentira. Todos os Demoniacos possuíam certos dons, como a capacidade da Yuki-onna de criar uma condição meteorológica extrema. Os Marcados só tinham sua inteligência e sua força. Eles eram celestialmente avançados em termos físicos — capazes de se curar e reagir rápido —, mas careciam de poderes sobrenaturais.

— Eu lhe darei a minha se você deixar a menina ir embora — Eva ofereceu, fechando a cara. Então, arrancou a bainha de madeira laqueada da *katana* e a arremessou na cabeça do demônio.

Eva entrou em contato com Reed:

— *Agora!*

O demônio ergueu os braços para repelir a lâmina, e a garotinha foi agarrada por Reed antes que a Yuki-onna conseguisse segurá-la.

A Demoníaca soltou um grito de raiva, acompanhado por uma rajada de vento gelado que irrompeu através do recinto como uma explosão. Eva foi lançada ao ar e bateu as costas com toda a força contra um secador de mão preso na parede. Ela segurou o punho da *katana* com tenacidade, e seus pés calçados com botas pousaram no chão com um baque abafado. Então, Eva começou a mostrar a que veio.

Com o braço erguido e a espada empunhada, Eva avançou com um poderosíssimo grito de guerra. O medo da menina pairava no ar, o cheiro ácido misturando-se com o fedor da alma decadente da Demoníaca. A combinação superexcitou a marca de Eva. Ela saltou numa diagonal, mas o demônio se esquivou, em meio a uma lufada de neve. A temperatura caiu drasticamente. Os espelhos ficaram embaçados, e a respiração ansiosa de Eva se manifestou visivelmente no ar gelado.

Eva perseguiu a Yuki-onna, evitando as pontas de gelo afiadas que o demônio lançava contra ela e que se estilhaçavam como vidro na *katana* cintilante, salpicando os ladrilhos com fragmentos.

Eva avançou com precisão pelo piso escorregadio. A Demoníaca recuava, e seu belo quimono de seda esvoaçava, sendo retalhado pelos ataques calculados de Eva. Outrora a pior esgrimista de sua turma, Eva praticara à exaustão até não ter mais do que se envergonhar. Ainda estava muito longe de ser uma exímia espadachim, mas não se sentia mais irremediavelmente inepta.

Eva começou a cantarolar uma melodia alegre.

De acordo com sua expectativa, o demônio, pego desprevenido, tropeçou. O ataque seguinte da Yuki-onna careceu da velocidade dos anteriores. Eva a acertou com o punho cerrado e assobiou quando o gelo cortou a palma de sua mão. O sangue jorrou, com o cheiro incitando o demônio a urrar em triunfo. Um som audível apenas àqueles com a audição aprimorada.

Eva atirou a ponta de gelo de volta e, logo em seguida, arremessou a *katana*. A Demoníaca desviou do primeiro projétil com um sopro gelado, mas ficou vulnerável ao segundo. A espada cortou-lhe o tríceps direito, drenando sangue antes de se fincar na parede. Uma mancha carmesim começou a cobrir o branco imaculado do quimono.

— Xequemate — Eva escarneceu. — Seu sangue pelo meu.

A Demoníaca revidou, lançando uma ponta de gelo que perfurou a coxa direita de Eva, que gritou e dobrou os joelhos. Agoniada, Eva enviou um pedido silencioso por um gládio e manteve a palma da mão aberta para receber o presente...

... que não veio.

O choque deixou Eva paralisada. Ela se arriscou ao perder a *katana* e olhou ao redor exprimindo descrença. Sempre temeu que aquele dia chegasse. Antes agnóstica, Eva não demonstrava deferência ao Todo-Poderoso como os outros. Não era desrespeitosa, mas talvez fosse muito direta em exprimir sua incapacidade de entender como Deus lidava com as coisas.

Eva voltou a pedir, acrescentando um “por favor”. O resultado foi o mesmo. Nada. Ela rosnou, furiosa pelo fato de lhe negarem o instrumento necessário para concluir a missão que fora forçada a executar.

Rapidamente, a Yuki-onna deduziu o que acontecera em desfavor de Eva e deu uma risadinha.

— Quem sabe ele se deu conta de que salvá-la é impossível e não vale o esforço...?

— Vá se foder!

— É raro que Samael fixe um prêmio tão alto ou dê a todos do Inferno a chance de reivindicá-lo. — O demônio riu. — No entanto, essa foi a primeira vez que alguém atropelou um de seus animais de estimação.

— Que prêmio? — Eva procurava ocultar o súbito medo que sentiu. — Satanás está transtornado por eu ter atropelado seu cão? Isso é demais.

— *Não vi nenhuma graça* — Alec falou, irritado.

— *Eu sei*. — Eva suspirou. — *Minha vida é uma merda*.

Eva tentou ficar de pé, apoiando a perna perfurada. Estendendo a mão, puxou com força a adaga de gelo da coxa e a jogou para o lado. O sangue escapou da ferida aberta e, em seguida, jorrou. Naquele momento, Eva ignorou aquilo. Tinha problemas maiores.

— Vai ser tão divertido quando todos nós do Inferno fizermos pica-dinho de você... — a Yuki-onna replicou.

— Todos, é? — Eva deu de ombros. — Satanás terá de fazer melhor do que isso se espera me eliminar.

— *Essa é a minha garota!* — Alec elogiou. — *Nunca deixe que eles a vejam com medo*.

No entanto, Eva percebeu a intranquilidade na voz de Alec. Ela também o sentiu pronto para se lançar em seu resgate.

— *Eu sei* — Eva afirmou, satisfazendo-o. Não tinha certeza de como resolveria aquela situação, mas encontraria uma solução por sua própria conta. Nem pensar que uma vadia de tamancos iria detoná-la.

— Samael a quer — a Demoníaca escarneceu. Seus cabelos desgredenhados e seus olhos dilatados a deixaram ainda mais bela. — E eu serei recompensada por capturá-la.

Rindo para disfarçar seu crescente pânico, Eva fez um terceiro pedido — não exatamente uma reza — por um gládio. Novamente foi ignorada.

Com o cotovelo, Eva desviou a ponta de gelo seguinte lançada pelo demônio e, depois, moveu-se bruscamente para a esquerda para agarrar outra, que atirou para trás. Ao mesmo tempo, diminuiu a distância da parede em que a *katana* se cravou.

— Você pode capturar reféns, mas não é capaz de me pegar — Eva provocou.

Bravata. Às vezes, era tudo o que um Mercado tinha.

— Começo a pensar o contrário — o demônio respondeu com um brilho malicioso em seus olhos escuros.

As duas escutaram uma batida na porta fechada, seguida de uma sequência de palavras em japonês, em tom impaciente. Não pela primeira vez, Eva desejou que sua mãe tivesse lhe ensinado o idioma. Tudo o que ela entendeu foi que alguém queria entrar e a Demoníaca contra quem ela lutava não estava ansiosa para sair. De fato, a Yuki-onna pareceu energizada pela intrusão.

Eva se aproximou mais um passo. Sua bota pisou num pedaço de gelo, e ela escorregou, comprometendo o equilíbrio de sua perna ferida. Inspirando-se na quase queda, sua mente pensou em uma saída. Mas dependia da boa vontade divina de cooperar e lhe dar uma maldita oportunidade, é claro.

Chutando com força, Eva espirrou água e gelo para o alto. Quando a Yuki-onna revidou com uma rápida saraivada de pontas de gelo, Eva se lançou para a frente, usando a neve semiderretida sobre o ladrilho para cair no chão e deslizar com os pés projetados em direção ao alvo.

— Aquela espada seria bem útil agora! — Eva gritou para o céu, com os ladrilhos brancos passando por ela num borrão. — Por favor!

Nada.

O tempo quase parou...

A Yuki-onna saltou graciosamente e foi mantida no alto por correntes de ar geladas. Ao levitar numa posição de bruços, a fachada de beleza da Demoníaca se dissolveu, revelando o verdadeiro mal sob ela: olhos cor de sangue, bocarra escancarada com dentes enegrecidos e pele cinzenta com uma rede de veias escuras. Com os braços bem estendidos, lanças de gelo apareceram em suas mãos como bastões de esqui.

Alec e Reed urraram em uníssonos, com os gritos ecoando na cabeça de Eva em tal volume que abafaram todo o resto. Em câmera lenta, ela viu a Yuki-onna pairando como uma aparição fantasmagórica, com seu quimono branco em pedaços e seus cabelos como uma juba sinuosamente contorcida. Eva ergueu os braços para repelir o ataque vindouro e estremeceu de surpresa quando uma carga pesada forçou seu antebraço a cair até o seu peito...

... sobrecarregado pelo aparecimento milagroso de um gládio em sua mão.

Eva agarrou o punho da arma com força e endireitou as costas. Arremessando a espada como um dardo, ela acertou a Yuki-onna em cheio no peito. O gládio penetrou fundo, com um baque surdo.

A Demoníaca explodiu numa nuvem de cinzas.

Eva continuou a deslizar até bater na parede. Com o impacto, a *katana* se desprende, quase atingindo sua cabeça. Eva se jogou para o lado, para evitar a lâmina. A *katana* penetrou no piso onde ela estivera um instante antes. Atrás de Eva, o gládio — não mais engastado no corpo do demônio — caiu sobre os ladrilhos.

— Puta merda... — Eva sussurrou.

Um par de botas com biqueiras de aço surgiu perto da cabeça de Eva. Em seguida, uma mão apareceu em sua linha de visão. Ao olhar para cima, encontrou olhos cor de chocolate. Tempos atrás, Alec olhava para ela com um fogo tão tórrido que até queimava sua pele. Então, mais uma vez, ela ardeu o suficiente pelos dois apenas ao secá-lo de cima a baixo.

Com um metro e noventa de altura, Alec era tão musculoso quanto se poderia esperar de um predador hábil. Ele era o executor mais

reverenciado e confiável de Deus, e seu corpo refletia aquela vocação. Seus cabelos, como sempre, estavam um pouco longos, mas Eva rechaçaria qualquer um que se aproximasse deles com uma tesoura.

— Por que Deus esperou tanto para me livrar da confusão em que me meteu? — Eva resmungou.

— Você notou a falta de fogo? — A voz de Alec, sombria e levemente áspera, era pura sedução, mesmo quando contaminada com a ressonância única dos arcanjos. Não soava daquela maneira quando ele falava telepaticamente com ela, o que era apropriado, infelizmente. Na realidade, Alec era muito diferente do que era na mente de Eva.

— *Você me salvou? Que diabos! Ele ia me deixar morrer? De novo?*
— Eva piscou, atônita.

— Claro que não. Você não está morta. Foi uma lição de fé.

— Foi mais uma do tipo: “Eu sou Deus. Veja como Eu fodo com você”.

— Cuidado!

Eva aceitou a mão estendida de Alec. Ao colocá-la de pé, o peito poderoso e o abdome rígido dele se flexionaram de forma perceptível sob a camiseta branca justa. Eva não pôde deixar de reparar numa coisa como aquela, ainda que não pudesse tocar no que estava olhando.

— Qual é a ligação de demônios e banheiros? — Eva perguntou.
— Grimshaw iniciou uma tendência quando enviou o dragão pra me matar. Juro que derrotei ao menos meia dúzia de Demoníacos em banheiros desde então.

O dragão fora um cortesão na corte de Asmodeus, mas ele a matara em nome de Charles Grimshaw — ex-Alfa do Grupo Diamante Negro, do norte da Califórnia, e pai do lobisomem que ela tivera de matar duas vezes. A retaliação do demônio era um saco.

Alec praguejou quando viu a coxa de Eva. Os dedos dos pés dela respingavam sangue, encharcando as meias curtas e empoçando nas solas. Ela precisaria de um novo par de botas.

Alec se curvou para examinar o ferimento de Eva com mais atenção.

— Eu teria chegado aqui antes, mas tive de afugentar um monte de Demoníacos no corredor primeiro.

— Um monte?

— Não acho que a vadia de gelo estava brincando quando se referiu ao prêmio.

— O que sabe que eu não sei, Alec? Você não acreditaria num Demônio sem algum tipo de prova.

Alec assumira o controle da operação cotidiana das Empresas Gadara — a fachada secular da seção norte-americana dos Marcados — desde que o arcanjo Raguel fora capturado por Satanás, alguns meses antes. Isso significava que Alec estava a par de quase todo acontecimento infernal e celestial que ocorria entre o norte do Alasca e o sul do México.

— A quantidade de Demônios no condado de Orange triplicou nas últimas duas semanas.

Ocasão em que Eva terminou seu treinamento. Como fora lembrada muitas vezes, coincidências não existem.

— Não me surpreende que houvesse tantos deles por aqui.

— Muitos mais aparecerão se Samael ficar de olho em você. — Alec lançou um olhar resignado para Eva.

— Com uma competição pelo prêmio aberta a todas as classes de demônios? Caramba, devo mesmo ter ferido os sentimentos dele. Ah, espere... — Eva pôs o peso sobre a perna machucada e se retraiu com a imediata pulsação de dor.

Então, Alec colocou o ombro sob o braço dela para apoiá-la.

— Precisamos enfaixar essa perna, sabichona. — Alec deu um tapinha carinhoso na bunda de Eva. Ele podia estar proibido de sentir amor emocional por ela, mas desejo sexual não era problema.

A marca permitia que Eva sarasse muito rápido. Em uma ou duas horas, haveria apenas uma cicatriz rosada, e, ao anoitecer, o ferimento seria apenas uma lembrança. No entanto, ela podia ajudar a acelerar a recuperação fechando o buraco com algumas bandagens. Teria de correr, pois sua mãe ainda estava a sua espera.

— Vou cuidar de Miyoko — Alec assegurou.

— Eu vou levar Eva pra que se troque — uma voz grave se intrometeu.

Ao se virarem, Eva e Alec se depararam com Reed à porta. As feições dos dois homens eram bastante parecidas, revelando-os como irmãos,

mas eles eram polos opostos. Reed preferia ternos Armani e cortes de cabelo impecáveis. Naquele dia, ele usava calça preta e camisa social cor lavanda, com o colarinho aberto e mangas arregaçadas. Parecer tão atraente naquela cor suave era uma prova de como Reed era completa e vigorosamente viril.

Alec aumentou a pressão do seu braço em torno da cintura de Eva. Os dois irmãos eram como óleo e querosene juntos: perigosamente inflamáveis. Eles se recusavam a contar para Eva o que dera início à briga permanente entre os dois, e mantinham a lembrança tão reprimida nos cantos mais recônditos das mentes que ela ainda não fora capaz de descobrir. Fosse qual fosse o motivo, a raiva sanguinária que ele provocava era facilmente estimulada.

Por anos, eles mataram um ao outro — Caim mais do que Abel —, mas eram sempre ressuscitados por Deus, para lutar mais.

O que era simplesmente sórdido, na opinião de Eva. Por que Deus permitiria que os dois irmãos continuassem brigando estava além de sua compreensão.

— O que vamos fazer a respeito dessa confusão? — Ela deu um sorriso reconfortante para Alec e se afastou dele por alguns passos. Uma trilha de sangue marcava seu recente deslizamento camicase pelo piso. O gelo, derretendo rápido, espalhava a mancha carmesim pelas linhas do reboco, criando um mapa estranhamente instigante.

Caminhando pela água, Alec estalou os dedos, e o líquido e o sangue encheram a pia mais próxima, numa transferência tão rápida que Eva não conseguiu captar o movimento mesmo com seus sentidos aguçados. Ela voltaria para casa com Reed de maneira semelhante.

Felizmente, os Marcados dispunham de treinadores para pôr sua bagunça em ordem. A sorte de Eva era maior que a da maioria por também ter Caim, embora isso criasse certo atrito com diversos outros Marcados que achavam que ela estava em vantagem. Eles não levavam em consideração a quantidade de demônios que queriam usá-la para chegar ao Mercado mais mortífero de todos. Eva também podia dar um tiro certeiro em Demoníacos arrogantes e estouvados.

Por outro lado, parecia que Satanás prendera um alvo no peito dela.

— Vamos. — Reed estendeu-lhe a mão — Antes que sua mãe convoque a Cavalaria.

— Esqueça a Cavalaria. — Alec piscou um olho para Eva. — Miyoko atacaria sozinha.

Eva parou a risada no meio por causa do fedor de esgoto. Procurando o demônio cuja proximidade devia ser a causa, ela se viu encarando uma poça inexplicavelmente persistente aos seus pés... e olhos familiares de um azul maligno, cristalino. Um rosto no líquido. De modo instintivo, Eva bateu o pé, destruindo a face do demônio de água numa explosão de gotículas pulverizadas.

— Que merda! — Reed vociferou, pegando Eva quando a coxa ferida a fez cambalear.

Numa fração de segundos, Eva viu-se na cozinha de seu apartamento, no terceiro andar de um prédio em Huntington Beach.

— Você o viu? — ela arfou, inclinando-se expressivamente sobre o corpo rijo de Reed.

— Sim, vi. — Reed a apertou com força.

— *Ele se foi.* — O tom de Alec soou amargo. — *Estou saindo pra impedir a sua mãe, mas precisamos tratar disso quando terminarmos aqui.*

O demônio era um Nix — um espírito da água mutante germânico. Ele tinha Eva como alvo quase desde o momento em que ela fora marcada. Então, foi um estorvo constante até ela matá-lo. Correção: ela *achar* que tinha o matado.

Eva o mataria. Aquela Nix específico tirara a vida de sua vizinha, a sra. Basso, a doce e sincera viúva que fora uma amiga querida. Seu desejo de vingança era o que a motivava quando a caçada dos Demoníacos ficava difícil.

Afastando-se de Reed, Eva seguiu mancando pelo corredor e alcançou o quarto principal. O barulho das ondas quebrando na praia atravessava a porta de correr aberta da varanda da sala de estar. Em sua vida pré-marca, ela era uma designer de interiores. Seu apartamento fora um dos seus primeiros trabalhos, e ainda era um dos seus favoritos. Mesmo os erros que cometera no projeto eram apreciados. Eva não mudaria nada. Sentia-se segura ali, menos como uma assassina de demônios e mais como ela mesma.

Eva absorveu o sossego que encontrou em sua casa respirando fundo e de forma constante.

— Precisa de ajuda para tirar a roupa? — Reed perguntou, chamando-a com um tom tanto sedutor quanto desafiador.

Eva suspirou, silenciosamente. Fora daquelas paredes, os piores habitantes do Inferno convergiam em massa. Ela precisaria estar pronta quando voltasse a se aventurar fora dali.

Como se sua vida amorosa não fosse perigosa o suficiente.

E AGUARDEM PARA 2017
O LIVRO:

MARCA DE
GUERRA

A CONCLUSÃO DA SÉRIE
DE SYLVIA DAY.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM OUTUBRO DE 2016